

## **Nosso futuro é local: passos para uma economia da felicidade**

English title: *Local is Our Future: Steps to an Economics of Happiness* (book excerpt)

**Written by: Helena Norberg-Hodge – Founder & Director, Local Futures**  
**Traduzido por / Translated by: Arthur Melo**

*[O texto a seguir é um trecho do primeiro capítulo de Local is Our Future: Steps to an Economics of Happiness (“Nosso futuro é local: passos para uma economia da felicidade”, em tradução livre), o novo livro de Helena Norberg-Hodge, publicado pela Local Futures em julho de 2019.]*

Para que a nossa espécie tenha um futuro, esse deve ser local.

A boa notícia é que o caminho para tal futuro já está sendo construído. Longe das telas da grande mídia, a narrativa grosseira de que “maior é melhor”, que domina o pensamento econômico há séculos, vem sendo contestada por uma perspectiva muito mais gentil, mais ‘feminina’ e mais inclusiva, cuja prioridade é o bem-estar humano e ecológico. As pessoas estão se dando conta de que a *conexão*, tanto com as demais pessoas quanto com a própria Natureza, é a fonte da felicidade humana. E todos os dias nascem novas e inspiradoras iniciativas que oferecem o potencial de uma prosperidade genuína.

Ao mesmo tempo, há uma crescente conscientização, desde as comunidades de base até o mundo acadêmico, de que a verdadeira economia é o mundo natural, do qual dependemos em última instância para todas as nossas necessidades. Somente quando adotarmos uma mudança estrutural na economia atual — que nos mova da dependência de um mercado global dirigido por corporações em direção a sistemas locais diversificados — seremos capazes de viver de um modo que reflita esse entendimento.

Tragicamente, nossos líderes políticos e empresariais continuam cegos a essas e outras realidades. Eles estão nos conduzindo a um caminho diferente, onde a biotecnologia alimentará o mundo, a Internet possibilitará a cooperação global, robôs libertarão as pessoas do fastio do esforço físico e mental, e a riqueza dos cada vez mais afluentes 1% vai, de alguma forma, “gotejar” e beneficiar os mais pobres.

Como será esse futuro? Ray Kurzweil, do Google, informa-nos que nossos alimentos virão de “edifícios verticais controlados por inteligência artificial” e incluirão “carne clonada in-vitro”. De acordo com Elon Musk, da Tesla, construir uma cidade em Marte

é “crucial para maximizar a existência da humanidade”, ao passo que “30 camadas de túneis” aliviarão os congestionamentos das cidades mais populosas da Terra. Goldman Sachs nos explica que a digitalização de objetos cotidianos “estabelecerá redes entre máquinas, humanos e a Internet, o que levará à criação de novos ecossistemas que possibilitarão maior produtividade, melhor eficiência energética e maior rentabilidade”.

Essas ideias são enaltecidas como visionárias e audazes, mas o que elas prometem é simplesmente o agravamento de tendências dominantes — expansão neocolonial, urbanização e comodificação — turbinadas com gadgets vistosos. O que elas não nos revelam é que, em todos os níveis, o sistema está despejando na lata do lixo o recurso natural mais abundante de todos: a energia e a mão-de-obra humanas. Ao mesmo tempo, nossos impostos estão subsidiando um aumento dramático no uso de energia e de recursos naturais escassos. Temos um sistema que está criando, simultaneamente, desemprego em massa, pobreza e poluição.

Esse sistema não é a expressão da vontade da maioria: pelo contrário, nossas vozes têm sido ativamente excluídas. No entanto, eu também não acredito que a narrativa dos “bons contra os maus” esteja correta. É verdade que as pessoas que promovem conscientemente uma monocultura corporativa representam somente uma pequena fração da população mundial — talvez menos de dez mil pessoas em todo o mundo — mas até mesmo elas estão tão hipnotizadas por modelos e indicadores econômicos abstratos que muitas vezes ignoram os efeitos de suas decisões no mundo real.

De certo modo, o sistema aprisiona todos nós. Mesmo os diretores-executivos de grandes empresas e bancos se veem induzidos pelos mercados especulativos a atingir metas de lucro e de crescimento de curto prazo; eles estão sob intensa pressão para se manterem no topo por medo de perderem seus próprios empregos e de decepcionarem seus acionistas. Assim, é o próprio sistema que deve ser questionado e mudado, e não os indivíduos intercambiáveis que exercem o poder dentro desse sistema.

No entanto, como eu disse no início, essa não é a única direção para a qual o mundo está sendo levado. Pessoas ao redor do globo anseiam pelos profundos laços de comunidade e de conexão com a natureza com os quais evoluímos durante a maior parte da nossa existência. E, de baixo para cima, elas estão pressionando por uma mudança fundamental de direção. Seu ideal não é construído com base no fetiche de uma porção de bilionários por engenhocas de alta tecnologia e talento para a acumulação de dinheiro. Em vez disso, ele surge de uma experiência profunda do que significa ser humano.

Nas comunidades de base de cada continente, pessoas de diferentes culturas estão se unindo para refazer o tecido social e se reconectarem à Terra e seus ecossistemas. Elas

estão construindo economias locais e comunidades intergeracionais prósperas que promovem trabalhos mais significativos e produtivos. De hortas comunitárias até feiras de agricultores, de espaços de aprendizagem alternativos até alianças de negócios e cooperativas locais: o que todas essas iniciativas têm em comum é a renovação das relações baseadas no lugar, que refletem um desejo duradouro e natural humano por amor e conexão.

Essas iniciativas de localização demonstram enfaticamente que a natureza humana não é o problema. Pelo contrário, é a escala *desumana* de uma monocultura tecno-econômica que tem infiltrado e manipulado os nossos desejos e as nossas necessidades. Esse entendimento é reforçado por observações sobre o que acontece quando as pessoas retomam o contato com estruturas de escala humana. Vi prisioneiros transformados, adolescentes delinquentes restituídos de sentido e propósito, depressão ser curada, e fendas sociais, étnicas, e intergeracionais serem superadas.

Em muitos casos, essas iniciativas têm mais origem no senso comum do que em qualquer intenção de “mudar o mundo”. Ainda assim, combinadas, elas apresentam um desafio poderoso à ordem corporativa e articulam uma visão muito diferente do futuro.

Esse movimento emergente transcende a dicotomia esquerda-direita convencional. Trata-se de permitir que diferentes valores e sonhos humanos floresçam, e de, ao mesmo tempo, reincorporar a cultura na natureza. Isso significa que sociedades podem descontinuar sua dependência de distantes e irresponsáveis monopólios que, do outro lado do mundo, produzem nossas necessidades básicas através de sistemas monoculturais mecanizados e de alto insumo; e podem, assim, dar preferência a uma produção local e artesanal que atenda as necessidades locais. A ênfase aqui é em necessidades *reais*, não em desejos criados por marqueteiros e publicitários em um esforço de alimentar os fornos do consumismo e do crescimento sem limites.

Localização significa escapar das bolhas altamente instáveis e exploradoras da especulação e da dívida, e retornar à economia real: nossa interação com outras pessoas e com o mundo natural. Em vez de exigir incontáveis toneladas de cenouras perfeitamente retas e de descartar as que não se encaixam nesse padrão (que é o que as redes de supermercados fazem), mercados locais requerem uma diversidade de produtos, e, assim, criam incentivos para uma produção mais diversificada e ecológica. Isso significa mais alimentos produzidos com menos máquinas e menos produtos químicos, mais mãos trabalhando a terra e, portanto, empregos mais dignos. Isso também se traduz em uma drástica redução das emissões de CO<sub>2</sub>, o fim da necessidade de embalagens plásticas, mais espaço para a biodiversidade selvagem, mais conversas

frente-à-frente entre produtores e consumidores, e mais culturas prósperas baseadas em uma genuína interdependência.

Isso é o que eu chamo de efeito “multiplicador de soluções” da localização, e esse padrão se estende para além dos nossos sistemas de produção de alimentos. No sistema cego, desconectado e demasiadamente especializado da monocultura global, eu vi empreendimentos habitacionais construídos com aço, plástico e concreto importados, enquanto os carvalhos locais eram arrasados e triturados. Em contrapartida, o encurtamento das distâncias significa, estruturalmente, mais olhos por acre e um uso mais inovador dos recursos disponíveis. Pode soar utópico, mas à medida que reduzimos a dependência de sistemas altamente centralizados e automatizados em áreas como saúde e educação, podemos reequilibrar as proporções entre médico e paciente, entre professor e aluno, abrindo espaço, assim, para necessidades e capacidades individuais.

É perfeitamente razoável contemplar um mundo sem desemprego. Assim como acontece com os preços de cada produto de um supermercado, o desemprego é uma decisão política que, no momento atual, é tomada de acordo com o mantra da “eficiência” na obtenção centralizada de lucros. Uma vez que tanto a esquerda quanto a direita aderiram ao dogma do “maior é melhor”, aos cidadãos não sobrou nenhuma alternativa real.

Quando fortalecemos a economia de escala humana, a própria tomada de decisões se transforma. Não apenas criamos sistemas que são pequenos o suficiente que torna-se possível influenciá-los, como também nos incorporamos a uma teia de relacionamentos que informa profundamente nossas ações e perspectivas. A maior visibilidade do nosso impacto na comunidade e nos ecossistemas locais nos leva a uma conscientização experiencial, o que nos torna, ao mesmo tempo, mais empoderados para ocasionar mudanças e mais humildes face à complexidade da vida ao nosso redor.

Em um nível fundamental, a localização nos permite apreciar a natureza em constante evolução e transformação do universo. Em vez de viver por meio de rótulos — de ver o mundo através de palavras, de conceitos fixos e de números — tomamos consciência de que cada pessoa, animal e planta é único e que se transforma de um momento a outro. A localização nos proporciona a intimidade e o ritmo necessários para sentir essa plenitude, e para sentir a alegria de ser um componente essencial de uma teia viva de relacionamentos.

Nós nos confrontamos com uma escolha difícil entre dois caminhos radicalmente opostos. Um nos levará em direção a um desenvolvimento tecnológico de ritmo rápido, de larga escala e de monocultura. É um caminho que nos separa uns dos outros e do

mundo natural, e que acelera nosso declínio social e ecológico. O outro caminho consiste em diminuir o passo, reduzir o ritmo e promover conexões profundas, a fim de restaurar as estruturas sociais e econômicas essenciais para satisfazer as nossas necessidades materiais e humanas mais profundas e que, ao mesmo tempo, nutram o único planeta que temos.

*Cópias do livro Local is Our Future estão disponíveis para compra na [loja online](#) de Local Futures.*

This is an excerpt from the first chapter of *Local is Our Future: Steps to an Economics of Happiness*, a new book by Helena Norberg-Hodge, published by Local Futures in July 2019.

Paperback copies of *Local is Our Future* are available to order from Local Futures' online store: <https://www.localfutures.org/store/Local-is-Our-Future-p140051233>